



Corpo de ferro, masculinidade de vidro: representações do masculino no cinema hollywoodiano

DaLua

Existem em nossa sociedade papéis de gêneros extremamente delimitados, criados e reelaborados para manter uma “ordem natural” das coisas. Por muito tempo pensou-se que não se fazia necessário debruçar-se sobre a questão da construção social da categoria homem, visto que numa sociedade patriarcal este sujeito já a domina. No entanto, se faz necessário fugir das generalizações e adotarmos um olhar crítico e histórico sobre a temática, tendo em vista que o homem dominador/dominante desta sociedade é também fruto de uma produção social, cultural e histórica, que privilegia um grupo específico do masculino.

A masculinidade hegemônica há muito permeadora de padrões comportamentais e performances sociais, promovendo a ideia de um modelo “verídico” de ser homem, vem sendo cada vez mais confrontada, criticada, chamada a se reinventar. Neste modelo “único” de ser homem, o “falo”, pênis, aliado a determinadas regras comportamentais, tornam-se os legitimadores deste corpo, como um carimbo que confere veracidade a esta masculinidade. Num mundo dominado pela indústria cultural, a filmologia e o cinema, e aqui com ênfase no cinema hollywoodiano, mostram-se como ferramentas poderosas no controle e produção de corpos e ideais de masculinidade e feminilidade.

Exemplo disso são os filmes de guerra, como a franquia Rambo, por exemplo, produzidos ao longo dos anos, especificamente nas décadas de 1980 e 1990. Que construíram modelos e imagens nocivas de masculinidade ancoradas num ideal de virilidade violenta. Representações como o pistoleiro, o soldado, o cowboy, o bem contra o mal são recorrentes nessas produções, que objetivam passar o ideal de determinadas estruturas sociais. A franquia Rambo nos mostra um projeto social e cultural marcado pela valorização do corpo musculoso e a questão militar, disseminando valores conservadores e o patriotismo exacerbado. Nestas produções, feitas por homens brancos para homens brancos, o controle das narrativas se torna uma ferramenta poderosa, já que o corpo (musculoso, viril, branco) reflete o social. Sendo assim, criam e reforçam a ideia de corpos irreais, corpos de ferro e masculinidades de vidro.